



PLANETA FAVELA

DAVIS, MIKE

TRADUÇÃO DE BEATRIZ MEDINA. POSFÁCIO DE
ERMÍNIA MARICATO. SÃO PAULO: BOITEMPO,
2006, 272 P.

ISBN: 85-7559-087-1

Lara Figueiredo

pós- | 201

PARA ALÉM DE NOSSAS FAVELAS

(1) Embora o autor faça essa diferenciação de tipos de ocupação, é importante ressaltar, como já o fez Ermínia Maricato no Posfácio da edição brasileira, que, na apresentação dos dados concretos do Brasil, Davis aglomera todas as diferentes estatísticas sob a categoria favela. Uma aproximação grosseira, a qual, embora advertida pelo próprio autor, não deve passar despercebida.

Com os números compilados por Mike Davis em seu mais novo livro, *Planeta favela*, nós, urbanistas brasileiros, tomamos conhecimento da dimensão global da dura realidade urbana com a qual nos habituamos, mas é também de todas as grandes cidades do chamado Terceiro Mundo. O polêmico urbanista americano da Califórnia apresenta um livro, em tom de protesto, com previsões catastróficas sobre a evolução do crescimento urbano em todo o mundo, com o desenvolvimento de megas e hipercidades, sendo a maior parte composta por infindáveis periferias constituídas exclusivamente por favelas.

Baseado em trabalhos das Nações Unidas e em algumas pesquisas locais, Davis desenha um alarmante panorama global da situação da pobreza urbana ao redor do mundo. Com apresentação de dados e discussão de casos na América Latina, África, China, Índia e outros países do sul da Ásia, o autor usa como denominador comum a influência decisiva das políticas do FMI e do Banco Mundial, a partir das décadas de 1970 e 1980, no delineamento da realidade urbana nos diversos países.

O livro caracteriza essa pobreza urbana a partir da definição das diferentes soluções habitacionais utilizadas pela população de excluídos nas grandes cidades – cortiços, autoconstrução, loteamentos informais, invasões de terras públicas e privadas – diferenciando as ocupações de áreas mais centrais das periféricas¹, evidenciando os mecanismos perversos por trás de cada processo. Nesse contexto, são exemplares a privatização das invasões irregulares, a sublocação de espaços cada vez menores e mais insalubres ou os contínuos processos de gentrificação das áreas centrais.

Nenhuma grande novidade, uma vez que nossa literatura nacional abrange com profundidade e competência a maior parte desses modelos. A surpresa fica por conta do enquadramento dessa realidade em uma escala global, que se multiplica de forma mais ou menos semelhante por todo o Terceiro Mundo. O

dimensionamento do problema ao redor do globo revela números assombrosos, quando englobadas China e Índia com suas populações gigantescas e os países africanos, onde a pobreza constrói cidades inteiras como grandes favelas.

Por vezes em tom sensacionalista e de denúncia, Mike Davis apresenta pormenores da vida cotidiana em assentamentos precários, descrevendo as condições desumanas a que as pessoas são submetidas. No capítulo “Ecologia das Favelas”, ressalta a estreita relação entre sustentabilidade ambiental e pobreza, ao revelar características comuns à maioria das favelas, como fragilidades geológicas, solo e água contaminados, exposição à poluição, enchentes e escorregamentos de terra, entre outros – áreas em que o mercado formal não tem interesse ou está proibido de ocupar. A questão do saneamento básico, a falta de acesso à água potável e as doenças relacionadas completam o cenário de morte e desespero em cidades da África e Ásia.

Em oposição a esse gigantesco processo de favelização e empobrecimento, Davis discute, de maneira imperativa, a realidade contrária à das favelas – os condomínios fechados e os projetos de embelezamento das cidades, como processos totalmente intrincados. A questão da terra e da especulação imobiliária vem reforçar a pobreza e a segregação em favor das elites locais, classe média e investidores internacionais, com a ajuda regular dos estados, que agem em nome do progresso, do embelezamento e até mesmo da justiça social.

Como dito anteriormente, a tônica do trabalho é a influência decisiva das políticas neoliberais das agências internacionais e o avanço da pobreza nos países do Terceiro Mundo. Essa influência vai se dar em todos os níveis, partindo da economia nacional, passando pelas políticas setoriais como educação, saúde e habitação, os governos locais e as ONGs, chegando, como lembra Ermínia Maricato, autora do pósfacio da edição brasileira, à construção do *pensamento único* que não admite controvérsias. Dentro desse modelo, Davis denuncia a ausência do Estado no enfrentamento direto do crescimento das favelas e da pobreza.

Segundo o autor, partindo-se dos novos parâmetros estabelecidos pelas agências internacionais para as políticas urbanas e de habitação, gradualmente, as ONGs passaram a assumir papéis que antes eram dos governos locais. Uma nova estrutura hierárquica se estabelece, na qual organizações internacionais fazem a ponte entre as agências unilaterais e as organizações locais. Davis critica duramente esse novo modelo, denominando-o de *soft imperialism* – um sistema baseado em relações tradicionais de clientelismo e responsável pela burocratização e desradicalização dos movimentos sociais urbanos. Argumenta, ainda, que as ações governamentais, residuais e isoladas, e a filantropia internacional são incessantemente suprimidas pelas forças do mercado, continuamente a empurrarem a massa de pobres em direção às margens da vida urbana pela inflação da terra e da especulação imobiliária.

No campo econômico, o crescimento da informalidade é apontado como um beco sem saída. O autor define um estado de “humanidade supérflua”, em que cidades inteiras estariam totalmente à margem da economia mundial, imersas na informalidade. Em seu tom dramático, Mike Davis explora a situação de mulheres e crianças que mais sofrem nesse “museu vivo da exploração humana”, rebatendo as teorias de Hernando De Soto sobre o microempreendimento no setor informal como meio de revolucionar o mercado de trabalho local e a economia dos pobres.

Planeta favela termina desesperançoso. Se as cidades do chamado Terceiro Mundo vêm crescendo de maneira assustadora e desregrada desde as décadas de 1970 e 1980, para Davis não está longe o dia em que a própria invasão de terras desocupadas deixará de ser uma alternativa habitacional para os mais desfavorecidos. Somando-se a isso o abandono à informalidade e à criminalização das favelas, delineia-se a “verdadeira crise do sistema capitalista”. Suas últimas palavras alertam para as novas táticas de guerra que vêm sendo desenvolvidas pela inteligência americana para combater em desregrados territórios urbanos.

O trabalho de Mike Davis desperta fãs e críticos em resposta ao seu estilo provocativo. Se é verdade que seu texto é envolvente, por trabalhar simultaneamente uma impressionante quantidade de dados estatísticos, com exemplos chocantes da realidade da pobreza urbana, também é verdade que suas aproximações e simplificações despertam críticas de acadêmicos e pessoas envolvidas na luta diária pela melhoria da qualidade de vida nas favelas pelo mundo afora.

O valor da obra encontra-se, acima de tudo, em sua capacidade de colocar a questão da pobreza urbana no centro do debate, e mais de endereçar grande parte das responsabilidades às forças da economia global. Entretanto, a partir de uma visão menos pessimista, como disse Tom Agnotti, em seu artigo crítico sobre a obra, as cidades, por si mesmas, não são mais a solução, e sim, o problema (em tradução livre da autora)².

(2) “*Thus, cities by themselves are no more the solution than they are the problem.*” – Tom Angotti (2006), Apocalyptic anti-urbanism: Mike Davis and his planet of slums. *International Journal of Urban and Regional Research*, v. 4, n. 30, december 2006, p. 961-967.

Lara Figueiredo

Arquiteta e urbanista formada pela FAUUSP e pesquisadora do LABHAB
 Colaboração: Giselle Tanaka
 e-mail: larafigueiredo@hotmail.com